

«“Pai contra mãe” De Machado de Assis: um grito contra a escravatura»

Rita Ciotta Neves
Professora da Universidade Lusófona

Resumo: Partindo da análise do conto «Pai contra mãe», do escritor brasileiro Machado de Assis, é traçada a história da escravatura no Brasil, com referência à obra de Stefan Zweig e de Gilberto Freire. A teoria do «bom colonizador», defendida por Gilberto Freire, contrasta dramaticamente com o testemunho literário constituído pelo conto em análise. A escravatura aparece na sua verdadeira dimensão de exclusão e sofrimento, desenhada magistralmente pelo génio de Machado de Assis.

Riassunto: Partendo dall'analisi del racconto «Pai contra mãe», dello scrittore brasiliano Machado de Assis, è delineata la storia della schiavitù in Brasile, facendo riferimento all'opera di Stefan Zweig e di Gilberto Freire. La teoria del «buon colonizzatore», difesa da Gilberto Freire, contrasta in tutta la sua drammaticità con la testimonianza letteraria rappresentata dal racconto in analisi. La schiavitù ci appare nella sua vera dimensione di esclusione e sofferenza, magistralmente disegnata dal genio di Machado de Assis.

Palavras-Chaves: Escravatura, Mestiçagem, Brasil, Machado de Assis.

Rita Ciotta Neves

«E o mestiço, mulato, mameluco ou cafuz, menos que um intermediário, é um decaído, sem a energia física dos ascendentes selvagens, sem a altitude intelectual dos ancestrais superiores (...) É que são invioláveis as leis do desenvolvimento das espécies»

Euclides da Cunha

«O processo de tornar-se brasileiro não é apenas um processo de aclimação, de adaptação à natureza, às condições psíquicas e especiais da nação, mas sim sobretudo, um problema de transfusão»

Stefan Zweig

«A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. [...] O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.»¹

É assim, com estas palavras aparentemente frias e objectivas, que Machado de Assis abre um dos seus contos mais perturbadores, «Pai contra mãe», escrito em 1906.

É um grito contra a escravatura, porém, e é daqui que nasce a sua profunda dramaticidade, é um grito abafado, renegado, amordaçado. Porque Machado de Assis, um dos maiores nomes da literatura brasileira, respeitado e admirado pelos intelectuais do seu tempo «como se fosse um branco» e, que de facto, vivia e fazia-se passar por um branco, era, na realidade, de raça mulata. Sangue negro corria nas suas veias, sangue dum ex-escravo, misturado com o dumã mãe branca vinda das longínquas ilhas dos Açores. Esta dramática ambiguidade persegue o escritor durante toda a vida mas, na realidade, pouco transparece na sua obra literária. Um dos momentos mais altos de «revelação» dessa temática é justamente este, quando ele friamente e quase cinicamente nos conta a história de Candinho, pai e caçador de escravos e de Arminda, mãe e escrava fugitiva.

¹ M.de Assis, «Pai contra mãe», em «Um Homem Célebre», «Curso breve de literatura brasileira», Cotovia, Lisboa, 2005, p.267

«Pai contra Mãe» de Machado de Assis

É um texto arrepiante na sua violência controlada, na sua perfeita construção da estrutura literária. Um forte testemunho do caótico e fervilhante «laboratório racial» representado desde séculos pelo Brasil.

O historiador Euclides da Cunha dizia que «não há um verdadeiro tipo antropológico brasileiro» e Stefan Zweig, no seu fascinante estudo «Brasil país do futuro», confirma, em 1941, que «a maior parte da população do Brasil, exceptuados os indivíduos recentemente imigrados, é um produto misto, um produto variadíssimo»². Zweig analisa a natureza desta mestiçagem individuando três raças que se cruzam e se estratificam entre elas: a americana, a europeia e a africana. Mistura racial acrescida pelo facto de que o português, o primeiro europeu que chega ao Brasil no século XVI, é por sua vez duma raça mestiça: ibérica, romana, gótica, fenícia, judia e moura. Os índios aborígenes do país provêm, igualmente, de duas raças diferentes: os tupis e os tamoios. Assim como os negros, aglomerados todos no mesmo grupo racial, mas, que na realidade, vêm de variadíssimas zonas africanas.

Neste «caos de variantes e cruzamentos», que Zweig compara com um jogo de xadrez «com os seus milhões de combinações, das quais nenhuma se repete»³, o caso dos negros é o mais dramático e, para os colonizadores, o mais infamante. Coincide, de facto, com a terrível história da escravatura.

A história da escravatura é conhecida, mas, pensamos, nunca é supérfluo voltar a lembrá-la.

A escravatura no Brasil começa durante o período colonial, quando os portugueses, para explorar o comércio do precioso pau-brasil, utilizam o trabalho dos índios aborígenes. Mas os índios, brutalmente explorados, ou morriam pelas doenças e maus-tratos ou tentavam reagir à escravatura fugindo para o interior do país, pelo que a mão-de-obra começa a ser procurada no continente africano. Tem início o tráfico de escravos negros, que só acabará em 1850. Os negros vinham sobretudo de Angola, Moçambique e Guiné e desembarcavam nos portos de Rio de Janeiro, Recife, Salvador e S. Luís. Transportados nos navios negreiros, em condições sub-humanas, mais de 40% deles morriam durante a travessia. Os que chegavam eram vendidos na praça pública, para a produção do açúcar, a mineração e os trabalhos domésticos. À semelhança dos índios, nem todos aceitavam passivamente o inferno da escravatura, muitos conseguiam fugir, criando os «quilombos», comunidades de escravos que se juntavam para fazerem frente aos seus senhores. Outros tentavam o suicídio, outros o assassinato do dono. Revoltas que contribuíram, sem dúvida, para a gradual abolição da escravatura.

² S. Zweig, «Brasil país do futuro», Livraria Civilização Editora, Porto, 1983, p.178

³ Op.cit. p.179

A abolição foi lenta e polémica, dividindo profundamente a sociedade brasileira de então. Depois da abolição do tráfico em 1850, como já lembrámos, em 1871 foi promulgada a Lei do Ventre Livre, que garantia a liberdade aos filhos dos escravos. Em 1885, promulgou-se outra lei que libertava todos os escravos com mais de 60 anos de idade e finalmente em 1888, também por causa das fortes pressões da Inglaterra, a Lei Áurea é assinada pela Princesa Isabel, abolindo oficialmente a escravatura no Brasil.

A estratificação sucessiva destes grupos étnicos, índios, europeus e africanos provoca, como é evidente, uma situação de enorme mestiçagem, cujo comum denominador parece ser, quase milagrosamente, a utilização da mesma língua portuguesa do norte ao sul do país.

A propósito de miscigenação de raças, lembramos também o nome de Gilberto Freire, o autor de «Casa Grande e Senzala», um texto já clássico, embora polémico. O escritor brasileiro na sua obra, publicada em 1933, teoriza o conceito de «lusotropicalismo», segundo o qual o povo brasileiro seria o resultado duma fusão entre os colonos brancos da Casa Grande e os negros e mulatos da Senzala. Uma fusão que ele descreve como pacífica e lírica, concretizada através da colaboração e da promiscuidade da vida sexual. Teoria contestada, num primeiro momento, pelos antropólogos do regime salazarista que, como lembra o antropólogo Manuel Areia, se insurgiram contra a eventualidade que a raça portuguesa tivesse sido demasiado «contaminada» pela raça negra. Manuel Areia, no seu estudo, cita as palavras de E. Tamagnini, director do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, que, em 1937, escreve:

«(É impossível, como é evidente, evitar a contaminação étnica), mas o que, porém, não se pode admitir é a elevação de tal mestiçagem à categoria de factor suficiente de degradação étnica, que obrigue os antropólogos a colocar os portugueses à margem das raças brancas, ou atribuir-lhes o valor de “mestiços negróides”»⁴

Mas a obra de Gilberto Freyre foi, a seguir ao fascismo, também contestada por diversos antropólogos e sociólogos portugueses e brasileiros que, por sua vez, viam na teoria lusotropicalista a tentativa de fazer passar a imagem do português «bom colonizador», isento de discriminação racial e de exercício de violência sobre indivíduos de outros grupos étnicos.

Com efeito, o optimismo de Gilberto Freire quanto a uma sociedade brasileira pacífica e equilibrada é hoje desmentido, como se sabe, todos os dias.

⁴ M.Areia, «O Lusotropicalismo revisitado: a miscigenação em “Casa Grande e Senzala”», em F.Santos Neves (org.), «A globalização societal contemporânea e o espaço lusófono», Edições Universitárias Lusófonas, Lisboa, 2000, p.56

«Pai contra Mãe» de Machado de Assis

O Brasil está ainda muito longe de ser um país justo e igualitário, e sobretudo a nível racial. Basta lembrar que segundo os dados do Censo 2000, 64% da população pobre brasileira e 69% da indigente é composta por pessoas de raça negra.

É interessante, porém, notar, e voltamos assim ao caso do escritor Machado de Assis, que desde muito cedo, como lembra Caio Prado Júnior, frequentemente «a classificação étnica do indivíduo se faz no Brasil mais pela sua posição social (do que pela racial); e a raça, pelo menos nas classes superiores, é mais função daquela posição que dos caracteres somáticos»⁵. O historiador brasileiro conta, a esse propósito, a história de Koster que, interrogando o seu empregado, aliás mulato, sobre a cor muito escura dum capitão-mor, teve esta resposta: «Ele era mulato, porém já não o é» E diante do espanto do inglês, acrescentou: «Pois, senhor, capitão-mor pode lá ser mulato?»

A biografia de Machado de Assis, «ilustre mulato», é também um exemplo deste paradoxo. O escritor nasce em 1839, no Rio de Janeiro, filho dum mulato, pintor de profissão, e duma branca, lavadeira, da ilha de S.Miguel. Apesar das dificuldades económicas, dos preconceitos raciais, dos problemas de saúde (o jovem sofre de gaguez e de epilepsia), Machado de Assis consegue vencer. Durante a sua vida será vendedor ambulante, balconista, caixeiro, revisor, funcionário público, jornalista, mas sobretudo um grande homem de Letras.

A sua obra literária compreende, além dos numerosos contos, nove romances, entre os quais lembramos *Helena*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, verdadeiras obras-primas da Literatura.

Machado de Assis morre no Rio de Janeiro em 1908.

Como afirma Abel Barros Baptista (organizador da óptima colecção «Curso Breve de Literatura Brasileira»), Machado de Assis é, sem dúvida, com Tchecov e Maupassant, um dos fundadores do conto moderno, a cujos princípios essenciais ele obedece rigorosamente: concisão, rapidez e unidade dramática. Todos escritos entre 1882 e 1906, ou seja, na sua fase de maturidade literária, os contos experimentam as mais variadas possibilidades do género, verdadeiras parábolas onde o estudo psicológico das personagens constitui o mecanismo literário principal. O que interessa ao escritor é a análise sem piedade da «condição humana», uma condição que os homens escondem por baixo da «máscara» das convenções sociais e que só o génio do escritor consegue revelar. Mas o desmascaramento nunca é directo e nunca passa através duma prosa

⁵ Caio Prado Júnior, «Formação do Brasil Contemporâneo», Publifolia, São Paulo, 2000, p.104

realista, pelo contrário, Machado de Assis escolhe um estilo «oblíquo» e moderníssimo, precursor de toda a literatura do século XX.

O crítico Harold Bloom, que o define como «o supremo artista negro de todos os tempos», escreve que «Machado de Assis é uma espécie de milagre, uma enésima demonstração da autonomia do génio literário relativamente ao espaço e ao tempo, à política e à religião e àquelas outras contextualizações que se pensa falsamente serem determinantes para as capacidades humanas»⁶

Bloom acrescenta que quando leu pela primeira vez Machado de Assis, sem conhecer a sua biografia, pensou que estava a ler a obra dum escritor branco. Com seu grande espanto, descobriu a seguir que o escritor era filho dum ex-escravo e que a escravatura fora abolida quando ele já tinha cinquenta anos.

No conto «Pai contra mãe», o escritor aventura-se por um caminho a ele bastante estranho, o da análise social. Sem oratória e redundância, quer mostrar-nos como a miséria torna o pobre inimigo da sua própria classe e como, dramaticamente, o desumaniza.

No seu posfácio, Barros Baptista lembra as palavras de Poe, um outro genial contista. Poe define o género literário do conto como um texto em que deve existir uma «perfeita percepção da forma e do efeito, ou melhor o cumprimento do efeito, se a forma fosse ela mesma perfeita»⁷

E é este «cumprimento do efeito» que, de facto, torna os contos de Machado de Assis ao mesmo tempo tão didácticos e tão chocantes. «Pai contra mãe» quer ensinar-nos o que é o horror da escravatura, mas para chegar a isso utiliza o que há de mais chocante para o leitor: a apresentação do horror como «normalidade».

O escritor avisa-nos logo, desde o primeiro parágrafo, quando interrompe a fria descrição dos instrumentos de tortura, para se dirigir directamente ao leitor e lembrar que «era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco e alguma vez o cruel.»⁸ O escritor/narrador continua contando que «pegar escravos fugidios era um ofício do tempo»⁹, mas lembra também que «ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.»¹⁰

⁶ H. Bloom, «Il Génio», Rizzoli, Milano, 2002, p.772 (trad.d.a.)

⁷ Op.cit., p.282

⁸ Op.cit., p.267

⁹ Op.cit., p.268

¹⁰ Op.cit., p.268

E o exemplo que o narrador nos dá é o de Cândido Neves, chamado Candinho, rapaz pobre que casa com Clara e que dela espera um filho. Candinho e Clara são jovens e felizes, mas o rapaz não tem um «ofício» estável. Trabalha numa tipografia, no comércio, é entalhador, até que, pressionado pela próxima chegada do filho, começa a «caçar escravos». O narrador dirige-se novamente para nós e comenta que «pegar escravos fugidos trouxe-lhe um encanto novo. Não obrigava a estar longas horas sentado. Só exigia força, olho vivo, paciência, coragem e um pedaço de corda.»¹¹ Mas a miséria torna-se insuportável e nos últimos meses da gravidez, uma tia, que vive com eles, aconselha os pais a levar a criança à Roda dos Enjeitados. Estas palavras abrem as portas do inferno na vida dos jovens, Candinho recusa com a fúria do desespero, Clara, a mãe, resigna-se. A criança nasce e quando, desesperados pela fome e a falta de casa, decidem abandoná-la na Roda, Candinho descobre os rastos duma escrava mulata que andava fugida e que ele procurava há muito tempo. O prémio, se a apanhasse, era muito alto. Candinho não hesita e corre atrás dela pelas ruas da baixa do Rio de Janeiro. Finalmente, vê-a de longe e para a surpreender grita o seu nome: «Arminda!». «Arminda voltou-se sem cuidar malícia»¹² e é brutalmente capturada.

O narrador abre então para nós também as portas do inferno e cruamente faz-nos mergulhar no horror.

Arminda está grávida e suplica ao rapaz que a deixe ir ou que a guarde como escrava. «Você é que tem culpa, responde Candinho, quem lhe manda fazer filhos e fugir depois?»¹³ E arrasta-a, entre lutas desesperadas, até à casa do patrão. Arminda cai no corredor e, enquanto o patrão paga o prémio a Candinho, «no chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou.»¹⁴

Candinho volta para casa com o dinheiro na mão, o filho já não será abandonado.

«Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto.

— Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração»¹⁵

O frio «bom senso» de Candinho e a sensação de «normalidade» criada pelo final feliz contrastam violentamente com a sensação de horror que constitui, em última análise, a verdadeira característica do conto.

¹¹ Op.cit., p.271

¹² Op.cit.,p.277

¹³ Op.cit.,p.277

¹⁴ Op.cit.,p.278

¹⁵ Op.cit.,p.278

Quanto ao estudo da «estrutura da narrativa», ou seja, à individuação da situação inicial, da final e do momento de transformação, encontra-se com evidência restabelecido o equilíbrio narrativo entre a primeira descrição dos instrumentos de tortura (situação inicial) e as palavras de Candinho que concluem o conto (situação final). As duas situações expressam o mesmo: a dramaticidade da escravatura. O momento de transformação, que provoca uma ruptura na narrativa é, por sua vez, situado no ponto em que Candinho cede à realidade e aceita deixar a criança na Roda:

«Cândido Neves pediu que não, que esperasse, que ele mesmo a levaria. Notai que era um menino, e que ambos os pais desejavam justamente este sexo.»¹⁶

A felicidade, a juventude, a esperança de Candinho morrem neste instante, quando ele aceita abandonar o filho que ama.

Na análise dos códigos literários é evidente a preponderância dos códigos ideológicos, que marcam fortemente o texto e dos técnico-narrativos, que consistem sobretudo na «dupla narração», actuada pelo «narrador», dum lado, e pela «3ª pessoa narradora», do outro. Uma técnica constante no autor e que o coloca genialmente na vanguarda literária do seu tempo.

Concluindo e como faz notar Abel Barros Baptista¹⁷, Machado de Assis utiliza um estilo metonímico, ou seja, através dum pequeno episódio, dum enredo aparentemente banal, o escritor quer «chegar ao todo através da parte», dando voz a ideias e sentimentos universais.

Machado de Assis escondia, na vida, a sua condição mestiça, mas não a oculta nestas páginas de alta literatura que nos oferece.

¹⁶ Op.cit., p.275

¹⁷ Op.cit.,p.286

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Assis, Machado de, «Um homem célebre», *Curso Breve de Literatura Brasileira*, Livros Cotovia, Lisboa, 2005
- Bloom, Harold, *Il genio*, Rizzoli, Milano, 2002
- Cândido, António, *Literatura e Sociedade*, Publifolha, São Paulo, 2000
- Degler, Carl N., *Nem Preto nem Branco*, Editorial Labor do Brasil, Rio de Janeiro, 1971
- Nabuco, Joaquim, *O Abolicionismo*, Publifolha, São Paulo, 2001
- Prado Júnior, Caio, *Formação do Brasil Contemporâneo*, Publifolha, São Paulo, 2000
- Santos Neves, Fernando, (org.), *A Globalização Societal Contemporânea e o Espaço Lusófono*, Edições Universitárias Lusófonas, Lisboa, 2000
- Zweig, Stefan, *Brasil País do Futuro*, Livraria Civilização-Editora, Porto, 1983